



II CONEDU
CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

A INFLUÊNCIA DO COMPONENTE CURRIRCULAR, ATIVIDADE PRÁTICA, NA FORMAÇÃO DOCENTE

José Ilânio Chaves¹; Ronaldo Valentim de Carvalho ²; Brenda Juliany Souza Barbosa de Freitas³; John Lennon da Costa⁴

¹Estudante do Curso de Geografia do Campus Avançado “Prof.^a Maria Elisa de Albuquerque Maia” – CAMEAM da Universidade Estadual do Rio Grande do Norte – UERN; ilanio_chaves@hotmail.com

²Estudante do Curso de Geografia do Campus Avançado “Prof.^a Maria Elisa de Albuquerque Maia” – CAMEAM da Universidade Estadual do Rio Grande do Norte – UERN; ronaldo.saomiguel@hotmail.com

³Estudante do Curso de Geografia do Campus Avançado “Prof.^a Maria Elisa de Albuquerque Maia” – CAMEAM da Universidade Estadual do Rio Grande do Norte – UERN; brendajuliany@hotmail.com

⁴Estudante do Curso de Geografia do Campus Avançado “Prof.^a Maria Elisa de Albuquerque Maia” – CAMEAM da Universidade Estadual do Rio Grande do Norte – UERN; johnlennon93@hotmail.com

Resumo

A análise do componente curricular Atividade Prática, torna-se fundamental para compreendermos sua estrutura e organização em termos universitários e propor alternativas que contribuam para uma maior dinamicidade de suas aulas. O artigo em questão, tem por objetivo refletir acerca do componente Atividade Prática em Geografia do CAMEAM-UERN nos semestres compreendidos de 2011.2 à 2015.1. Busca-se com essa proposta debater sobre suas bases curriculares no intuito de assimilarmos seus princípios básicos e enveredarmos sobre seu fazer pedagógico, possibilitando assim, uma visão de conjunto de suas carências e dificuldades em um contexto geral. Para tanto, nos apoiamos em leituras bibliográficas e pesquisa de campo na própria Instituição, tendo como base as resoluções competentes do componente curricular, as quais nos permite uma visão crítica das formas assumidas no *Campus*.

Palavras-chave: Atividade Prática, Geografia, CAMEAM-UERN.

Introdução

Esse artigo parte de uma proposta de análise qualitativa do componente curricular Atividade Prática do CAMEAM-UERN, visto enquanto subsídio pedagógico ao licenciando em Geografia em seu processo formativo, no período compreendido entre o semestre 2011.2 à 2015.1.

Nesse sentido, buscamos refletir sobre sua função didática como elemento fundamental para um aguçado aprimoramento pedagógico, já que suas bases curriculares prisma por temáticas de natureza teórico-práticas diversificadas e abrangente que envolve



temas Transversais e interdisciplinares, fundamentais ao desenvolvimento crítico-científico do professor de Geografia, oportunizando múltiplas vivências na produção do conhecimento por sua confluência multicultural.

Entretanto, esse estudo se torna válido por nos permitir identificar seus pontos positivos e negativos, resgatar suas metas pedagógicas e atribuir características quanto ao uso de algumas linguagens fundamentais e de fácil compreensão que deveriam ser empregadas nas aulas, para uma maior contribuição ao desenvolvimento intelectual do graduando.

Contudo, essa análise se desenvolve desde os pressupostos estabelecidos pelas resoluções que assegura esse componente curricular na universidade até o recorte empírico das atividades desenvolvidas ao longo dos semestres, dialogando acerca de suas funções e atribuindo propostas pedagógicas que aprimorem os requisitos exigidos pelas licenciaturas.

Metodologia

Para o desenvolvimento deste trabalho foi realizado inicialmente um levantamento bibliográfico de temáticas semelhantes ao tema em questão, levando em consideração o desenvolvimento e contribuição do componente curricular Atividade Prática para a formação do graduando em geografia. Mediante a isso, foi desenvolvido um recorte empírico das Atividades Práticas desenvolvidas pelos alunos do Curso de Geografia, no que diz respeito aos semestres 2011.2 a 2015.1, da Universidade Estadual do Rio Grande do Norte (UERN) do *Campus* Avançado Prof.^a Maria Elisa de A. Maia (CAMEAM) - Pau dos Ferros. Para um maior aprofundamento científico, foi realizado uma entrevista baseada em questionários quantitativos e qualitativos com a coordenação do Curso de Geografia do Campus em questão.

As Atividades Práticas no contexto formativo do licenciando em Geografia do CAMEAM/UERN

Conforme a Resolução CNE/CP 02, de 19 de fevereiro de 2002, a Atividade Prática torna-se um componente curricular obrigatório para a formação de professores da educação

básica em nível superior. Essas atividades práticas devem somar 400 horas vivenciadas ao longo do Curso de Formação de Professores.

No Curso de Geografia do CAMEAM/UERN as atividades são ofertadas semestralmente, do 1º ao 7º período, pelos docentes do Curso, em horário distinto daquele das aulas matinais. Suas temáticas devem ser de natureza teórico-prática para que o graduando aprofunde saberes e conhecimentos científicos, seja capaz de se utilizar da transversalidade e da interdisciplinaridade na construção de saberes. Temos sete Atividades Práticas, que ao serem integralizadas, somam um total de 405 horas. **(Figura 01).**

As Atividades Práticas são componentes curriculares que visam articular teoria e prática, de forma mais efetiva. De acordo com o PPC do Curso de Geografia, as Práticas devem versar sobre os seguintes eixos: *Seminários Temáticos, Oficinas Temáticas, Práticas Laboratoriais e Projeto “Nos Caminhos da Geografia”*, a serem trabalhados de forma em que vise à elaboração de atividades, produtos, intercâmbios e pesquisas acadêmicas.

Figura 01: Distribuição das Atividades Práticas do Curso de Geografia (CAMEAM/UERN) e suas respectivas Cargas Horárias

Atividades Práticas	Carga Horária
Atividade Prática I	60
Atividade Prática II	60
Atividade Prática III	60
Atividade Prática IV	60
Atividade Prática V	60
Atividade Prática VI	60
Atividade Prática VII	45
Carga Horária Total	405

Fonte: Curso de Geografia/Pau dos Ferros/RN (2015).

Segundo questionário aplicado à coordenadora do Departamento de Geografia do Campus Avançado Professora Maria Elisa de Albuquerque Maia - CAMEAM, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN, as Atividades Práticas, exigidas legalmente pelo Ministério da Educação e Cultura - MEC são importantes para a formação do



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

professor de Geografia, para a construção e amadurecimento da prática do aluno à futura docência. A prática e a teoria devem estar articuladas para a qualificação do docente.

Conforme outros questionamentos feitos à coordenação do Departamento de Geografia, as atividades práticas poderiam ser desenvolvidas de forma mais qualitativa “havendo um melhor planejamento das Práticas e melhores condições infraestruturais da instituição.”

Entre as principais dificuldades enfrentadas na realização das Atividades Práticas foram listadas as condições infraestruturais da instituição, principalmente:

- a) Laboratório de computação (LAGEO) para trabalhar com *softwares* de análise espacial;
- b) Laboratório de Geografia física (GEOSSOL) com todos os equipamentos adequados, que o Curso de Geografia já solicitou por diversas vezes à Administração da UERN;
- c) Transportes para aulas de campo em Atividades Práticas;
- d) Recursos financeiros específicos da instituição para elaboração de materiais e produtos didáticos;
- e) Recursos financeiros específicos da instituição para compra de *softwares*;
- f) Recursos financeiros específicos da instituição para pagamento de diárias a professores, técnicos e/ou demais profissionais externos à UERN com vistas a intercâmbios, palestras, cursos etc., que auxiliem no melhor desenvolvimento das Práticas.

Por meio das informações coletadas e supracitadas, as Atividades Práticas embora sejam de fundamental importância para a formação do licenciando em Geografia do CAMEAM/UERN, ainda precisam ser pensadas em conjunto com todos os que compõem o Departamento de Geografia, professores, técnicos, alunos e a gestão da UERN, já que as principais deficiências foram identificadas nos problemas infraestruturais.

Experiência vivenciada no *Campus* (CAMEAM – UERN)

Pela experiência vivenciada na unidade de Ensino Superior, CAMEAM, constatamos que em face das grandes revoluções do mundo contemporâneo e do crescimento quantitativo dos estabelecimentos de ensino, que vem incluindo parcelas significativas da população nos bancos universitários (na chamada abertura da escola para todas as classes sociais), um



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

resultado formativo qualitativo não vem sendo adequado às exigências das demandas sociais, principalmente ao abordar o Componente Atividade Prática. Essa inclusão, a partir de um olhar geográfico, passa a ter um fator negativo por não capacitar os sujeitos adequadamente, acabando por formar pessoas submissas, como se fosse uma fábrica que prepara seus profissionais para uma simples função mecânica, sem muitas premissas de libertação.

O que presenciamos é que:

[...] a forma de apresentar os conteúdos geográficos ainda se baseia nos métodos tradicionais de ensino, com aulas expositivas em que há descrição, observação e catalogação de informações. Tal metodologia leva os alunos à memorização e a responderem de forma mecânica as exigências formais dos professores e da escola. (PIRES, 2012 p.3).

Consoante a isto, pode-se dizer que a forma como os conteúdos estão sendo trabalhados, apresentam-se distantes da realidade dos alunos, produzindo sujeitos alienados e despossuídos de capacidade crítica. No tocante a universidade, se faz prudente frisar uma forte instrumentalização pela carreira, que leva a burocracia seus jovens promissores. A isso Santos (1998, p. 18) acrescenta:

Essa busca permanente e frenética de publicar, comparecer e aparecer, é no médio prazo, danosa. A carreira é necessária, porque a universidade funciona de forma hierárquica, isto é, a hierarquia do saber. A carreira é indispensável, mas o carreirismo é abominável e não pode ser encorajado. O carreirismo leva à raridade do pensamento crítico e abrangente e conduz, também, ao reforço da burocracia como entorno privilegiado e até mesmo como princípio diretor da vida acadêmica. A universidade não é o lugar de pressa ela pode e deve ser o lugar do bulício, sucedido pela calma [...].

Sendo assim, conferir uma habilitação segura a atividade docente para superar os desafios impostos a profissão, significa construir uma identidade que seja capaz de mobilizar os saberes da experiência, capacidade de transformar informações em conhecimento, ter uma didática (prática pedagógica) que aproxime os alunos da realidade vivida no ambiente escolar de forma amigável entre todos seus membros sem comprometer seus conhecimentos prévios, construindo assim, a memória da escola e uma práxis pedagógica que subsidie a formação crítica do futuro profissional, “uma invenção de modos de ser na instituição escolar”



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

(CHAIGAR, 2007 p.78), proporcionando a todos uma tendência investigativa. “Nesse sentido, estamos entendendo que a educação é um processo de humanização; que ocorre na sociedade humana com a finalidade explícita de tornar os indivíduos participantes do processo civilizatório e responsáveis de leva-lo adiante”. (PIMENTA, 2009 p.23).

Assim, entendemos que se faz necessário uma invenção de novos sentidos para emancipação da educação, e quando nos pronunciamos por uma nova postura de como desenvolver uma nova didática, queremos apenas quebrar com a ideologia reinante sobre suas bases curriculares e na forma como os professores se manifestam na busca por eficácia e maior autonomia do ser no âmbito social.

Ao abordarmos a disciplina “Atividade prática” do Campus Avançado Maria Elisa de Albuquerque Maia (CAMEAM), da Universidade Estadual do Rio Grande do Norte (UERN), queremos pela nossa experiência tecer algumas considerações sobre o atuar pedagógico desse componente e apontar caminho para emancipação do mesmo.

Sabemos que são grandes as dificuldades para realização deste componente, principalmente em decorrência das condições financeiras da própria instituição que não disponibiliza os recursos materiais e financeiros necessários para sua emancipação, quando temos conhecimento da precariedade dos nossos laboratórios, e assim, colaborando para desenvolver uma efetivação curricular prática, muitas das vezes, omissas que não corresponde aos anseios dos graduandos. Apesar de todos os empecilhos que compromete o desenrolar desta atividade, o que não se aceita são, depoimentos vagos de alguns professores ministrantes, que procurando se apoiar nessas dificuldades, renega aos graduandos autonomia no conhecimento e nas formas de se desenvolver uma verdadeira atividade prática, acabando por reproduzir formas arcaicas de ensino. Muitos são os que proferem que a prática é o complemento da teoria, e assim, preenche os alunos com textos cansativos de forma abusiva, e o que era para ser uma metodologia nova, com novas formas de proceder em sala de aula torna-se apenas um reforço a modelos antigos de ensino com leitura e resolução de atividades. A isso se soma as deficiências dessa atividade e, portanto surgem questionamentos sobre a forma como está sendo desenvolvida.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

[...] a prática na sala de aula traduz uma práxis de vida alinhada por concepções e por representações sobre o mundo e sobre as relações sociais das quais faço parte. A prática, para muito além da forma como às vezes é entendida pelo senso comum, no sentido de ação somente, é a expressão de uma teoria em movimento ou, dizendo de outra forma, a corporeidade dos discursos proferidos. (CHAIGAR, 2007 p.78).

Temos consciência que as Atividades Práticas são a expressão de uma teoria, mas isso não implica chegarmos às aulas e apenas fazermos leituras e respondermos a questionários, devemos sim, nos apoiarmos em conteúdos e conceitos trabalhados pela Geografia para produzirmos algo efetivo no espaço reservado a essa atividade, que realmente expresse seu caráter prático com metodologias novas e que seja capaz de atrair os alunos para um novo fazer pedagógico, levando em consideração a realidade dos alunos e as características da região a que está inserido.

Dessa forma, a primeira Atividade Prática desenvolvida e vivenciada pelos autores desse artigo, teve como objeto de estudo **“O estudo de obras literárias para análise dos fenômenos geográficos, seus fatores físicos e humanos como os dramas sociais retratados”**. Essa Atividade Prática teve como proposta de trabalho a montagem de um painel analítico de paisagens, personagens e modo de vida nordestina elaborada pela Literatura. As obras estudadas foram: Os Sertões – A Terra e o Homem no Nordeste (Euclides da Cunha); Vidas Secas (Graciliano Ramos); Menino de Engenho (José Lins do Rego); Morte e Vida Severina (João Cabral de Melo Neto); Cacau (Jorge Amado) e o Quinze (Rachel de Queiroz).

Esse estudo é válido, já que nos remete a uma visão holística de nossas identidades, permitindo destacar os níveis de organização social assumidas pela população nordestina em seus distintos períodos, compreender as paisagens presentes no Nordeste como também, os modos de vida da população, construindo uma imagem dessa região e aproximando os alunos de sua realidade, possibilitando assim, um raciocínio de formas passadas e presentes que influenciaram e influi sobre sua estrutura e que tanto modela seu espaço.

Na segunda prática trabalhamos: **“A representação do espaço geográfico por meio de maquetes”**. Realizamos todo um resgate do espaço geográfico para em seguida termos



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

noções de escala, distância representada e distância real para podermos produzir algumas maquetes representando algumas cidades de nosso entorno. Contudo, foi uma ótima experiência, por “associar imagens possibilitando a simbolização da realidade vivida por meio de uma dramatização ou construção tridimensional, por imitação, por um processo de assimilação e acomodação diante de uma dada realidade, fazendo uso de jogos simbólicos”. (PONTTHUSCHKA, 2009 p.329.).

Espera-se para esse componente curricular uma metodologia que seja capaz de seduzir os alunos para a produção prática de objetos cartográficos, sobrepostos a teoria bastante empregada pela corrente geográfica que estuda o espaço, e assim, permitindo representar as formas assumidas por nossas cidades e as mudanças ocorridas nesse território no espaço-tempo e que se apresentam hoje bem definidas, como traço fundamental da cidade e do povo que ali reside.

Na terceira Prática, abordamos a seguinte temática: **“Estratégias de convivência e recursos naturais do semiárido”**. Pela sua abrangência, esperava-se uma didática bem mais ampla pelo ministrante. O que questionamos nessa Prática é que por pertencermos a essa realidade e conhecermos um pouco de suas características, poderíamos sair desse contexto formal da sala e fazer um estudo do meio, comparando paisagens e as próprias estratégias de convivência dos moradores, para desvendarmos com mais precisão o quão peculiar é essa região e como a população se adequa e convive com as condições naturais do semiárido, visto que temos uma diversidade de fatores que diferem entre si.

Quando falamos estudo do meio não implica deixar que os alunos fizessem independentemente uma simples pesquisa com alguns moradores sobre as estratégias que precisam ser adotadas para sua permanência em uma dada localidade do semiárido, (fator que foi requerido nessa atividade prática). Significa ao professor traçar os trajetos, planejar, elaborar uma fonte de pesquisa, definir os objetivos a alcançar e se abrir a um diálogo e trabalho coletivo. Analisamos que apesar das dificuldades, precisamos sair da mesmice de nos apoiarmos em determinadas situações, e almejarmos alternativas que possibilite ao graduando ir além da sala de aula, e essa deve ser uma função assegurada pela universidade, pois uma aula de campo:



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Se bem construída, [...] pode despertar o interesse dos alunos e colocá-los na frente de um desafio a ser vencido. Assim, o instrumental necessário para vencer o obstáculo passa a ser não apenas mais concreto, mas também útil e necessário. [...] caso as proposições encontre ressonância no cotidiano dos alunos, o interesse pela atividade se multiplicará. (FARINA e GUADAGNIN, 2007 p.112).

Na quarta Prática vivenciamos o conteúdo: **“turismo”**. Mais uma vez ficamos presos a simples leitura, sendo o trabalho final um júri simulado em que se questionava se esse recurso é ou não uma ciência?

Nessa prática poderíamos termos feito uso da linguagem cinematográfica, produzindo um documentário sobre os pontos turísticos das cidades ao entorno de Pau dos Ferros, cidades essas que os alunos convivem em seu dia-a-dia. Assim, por meio desse recurso poderíamos ter uma visão abrangente do turismo local, resgatando suas funções e características, facilitando assim, o diálogo sobre as formas assumidas pelo turismo num âmbito global que nos condicionaria a uma definição segura do que nos foi proposto.

Na quinta Prática foi trabalhado: **“O Bioma Caatinga”** e mais uma vez nos voltamos para nossa realidade local e não produzimos nada de concreto, a não serem, leituras e nesta também a produção de uma resenha sobre a realidade do semiárido. Nesta prática poderíamos ter trabalhado com imagens variadas, mostrando às características de nosso clima e as mudanças acrescidas a vegetação em decorrência de suas condições naturais – seca e inverno, como pelas atividades humanas que vem devastando esse ecossistema.

Assim, os alunos se sentiriam motivados para investigar seus efeitos e distinguir suas fases. Outra opção de trabalho seria as representações gráficas, por meio de desenhos, cartas mentais e croquis permitindo aos alunos representar através de seu conhecimento e se utilizando da força de seu imaginário, o quanto essa região é diversificada e transformadora de suas próprias características. Com isso esperava-se envolver os alunos por meio de uma realidade vivida por todos.

A sexta Prática, teve como objetivo de trabalho: **“A construção de uma horta de ervas medicinal”**, experiência não muito agradável, pois no decorrer do período apenas uma



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

única vez os alunos levaram algumas ervas para ser plantadas, as quais ficaram abandonadas e não tiveram um desenvolvimento adequado, inclusive por falta d'água.

Ao longo das poucas aulas que tivemos nesta disciplina ficamos presos a leituras sobre solos e a importância das ervas, inclusive relacionadas à cura de algumas doenças corriqueira que atinge a população, também, como deveria ser o processo de plantio e os cuidados com o manejo do solo e com as substâncias utilizadas, para não contaminá-las. Acreditamos ser este um fator importante a ser trabalhado nas aulas, pois permite ao aluno conhecer como proceder em determinadas situações, o que se questiona é a forma como foi repassado esses conteúdos, que em apenas duas ou três aulas seis grupos expuseram tudo que foi relatado acima. O resultado é o repasse de um conteúdo de forma resumida, fator que compromete o conhecimento dos alunos, quando a maioria das aulas ficou vagas.

Na sétima e última Atividade Prática, foi desenvolvido um estudo sobre “**A Alfabetização da Cartografia Escolar**”. Essa prática teve como objetivo desenvolver a partir de simples metodologias a capacidade de sistematizar as informações teórico-práticas em produtos cartográficos didáticos, informativos e de fácil compreensão. Decorrentes as atividades desenvolvidas, percebemos que através de métodos simples podemos contribuir para o estudo, produção e reprodução da linguagem cartográfica, favorecendo um conhecimento prático que se subsidia o desenvolvimento crítico dos graduandos e que responde aos anseios da atividade.

Portanto, mesmo sabendo da importância desse componente curricular e da contribuição de algumas Atividades Práticas para o nosso desenvolvimento, ficamos aquém das expectativas dessa atividade. Um componente dessa natureza deveria servir de suporte para um aguçado atuar de seus profissionais, por ter condições de propor propostas pedagógicas, capazes de fortalecer o ensino de uma forma geral, mas que infelizmente serve apenas para compor a grade curricular com uma baixa função didática, visto que não responde aos objetivos da atividade ora proposta. Para Chaigar (2007, p.84) “penso, enfim, que a geografia deva ser trabalhada como uma ferramenta de apropriação da própria vida, considerando o conhecimento como forma de autoconhecimento e, portanto, de possibilidades emancipatória”.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Considerações Finais

Esse trabalho foi de fundamental importância para compreendermos os pressupostos que regem esse componente curricular, bem como refletir sobre a contribuição das aulas para o desenvolvimento crítico do graduando.

Sabe-se que esse componente se torna um mecanismo valioso para a formação do indivíduo quando trabalhado de forma adequada, pois aproxima a teoria a uma prática alfabetizadora, capaz de aprimorar habilidades e favorecer um conhecimento muito eficaz sobre o ponto de vista geográfico.

Contudo, ao abordar as Atividades Práticas do CAMEAM-UERN, tivemos a intensão de relatar sobre sua importância para a formação do graduando e elencar alternativas para a condução desse componente que venham a favorecer um sólido atuar pedagógico nos futuros profissionais.

Referências:

CAMPOS, E. N. [et. Al.]; Formação de Professores: identidade e saberes da docência. In: PIMENTA, S. G. (org.). **Saberes Pedagógicos e Atividade Docente**. 7º ed. – São Paulo: Cortez; 2009 p. 15-32.

Curso de Geografia/Pau dos Ferros. **UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE – UERN**. Disponível em:
<<http://pferros.uern.br/geografia/default.asp?item=outros-componentes-curriculares>>

PIRES, L. M. Ensino de Geografia: cotidiano, práticas e saberes. **XVI ENDIPE – Encontro Nacional de Didática e Práticas de Ensino – Unicamp, Campinas, S. V, S. N, p.1-12, 2012.**

PONTUSCHKA, N. N; PAGANELLI, T.I; CACETE, N. H. Representações cartográficas: plantas, mapas e maquetes. In: _____ (orgs.). **Para Ensinar e Aprender Geografia**. 3º ed. – São Paulo: Cortez, 2009 p.323-336.

Resolução CNE/CP 02, de 19 de fevereiro de 2002. Disponível em:
<<http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CP022002.pdf>>

REGO, N; CASTROGIOVANNI, A. C; KAERCHER, N. Atividades Práticas como Elementos de Motivação para a Aprendizagem em Geografia ou Aprendendo na Prática. In:



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

FARINA, B. C; GUADAGNIN, F. (Orgs.). **Geografia**. Porto Alegre: Artmed, 2007 p.111-119.

REGO, N; CASTROGIOVANNI, A. C; KAERCHER, N. Nossas Práticas, Nossos Desafios: um olhar por dentro de si. In: CHAIGAR, V. A. M. (org.). **Geografia**. Porto Alegre: Artmed, 2007 p.77-85.

SANTOS, M. Ser Intelectual na Era da Globalização. **Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino**. Águas de Lindóia-SP, S.V. S.N. p.15-20, 4 a 8 de Maio de 1998.